

## **Orlando Ferreira: o boca do inferno da Farinha Podre<sup>1</sup>**

Thiago Riccioppo - UNIPAC

Centrando-nos na conjuntura histórica de Uberaba, Minas Gerais, entre os anos de 1912 e 1949, propomos sopesar o ambiente das formulações das idéias, argumentos e posições, analisando as vicissitudes do transcorrer histórico de um personagem bastante emblemático e eclético em sua vida e obra: o intelectual uberabense chamado Orlando Ferreira, popularmente conhecido na cidade como “Doca”, que produziu suas principais obras entre os anos de 1919 e 1948. Essas obras têm um forte caráter polemizador, englobando diversos temas tais como: o anticlericalismo, críticas às elites políticas locais, aos esportes, defesa do marxismo, do comunismo e do espiritismo. Pretendemos identificar suas principais idéias e entendê-las no contexto histórico do período, confrontando-as com as idéias e posturas da Igreja, principal alvo de suas críticas. Em meio a um conjunto de argumentos e temas variados, em uma pesquisa mais ampla buscou-se traçar uma linha do pensamento de Orlando Ferreira e encontrar a coerência de seus argumentos, seus impactos e seu significado. Desta forma, temos por objetivo último apreender como as concepções e visões de mundo de Orlando Ferreira estão imbricadas às mentalidades, que se mostram às vezes como únicas, estabelecendo um intercâmbio da micro-história com a macro-história, no que se refere ao imaginário político do interior do Brasil do período proposto.

Compreendemos que um estudo sobre a vida e obra de Orlando Ferreira nos leva a objetivar o conteúdo profundo de que tratam suas obras e em que medida tais obras se configurariam enquanto uma expressão da luta anticlerical. Para isso torna-se importante estender a visão do papel da Igreja Católica no Brasil durante os primeiros anos da República, uma vez que a atuação de uma parte de clérigos e católicos era posta pelo conservadorismo, quando se sentiam ameaçados frente a uma nova configuração de poder atribuída à Igreja Católica, posteriormente ao desmembramento desta com o Estado

Republicano. Nessa expectativa, podemos destacar a obra da historiadora Teresa Malatian,<sup>2</sup> no ponto em que enfatiza o fato de o antagonismo entre o poder católico e o ideário liberal ter se manifestado primeiramente ainda no Estado Imperial, durante a propaganda republicana, em uma disputa pela preponderância do poder *sagrado e temporal*, do Estado e da sociedade com o poder da ordem divina. Com a proclamação da República, a política de separação Estado/Igreja efetivou-se. Assim, devido a laicização de estrutura política frente à sociedade, uma parte de membros da Igreja Católica começaram a esboçar reações que, segundo uma leitura atual, poderiam ser classificadas como que marcadas por ressentimentos, o que fez ganhar força um discurso antiliberal, criado pela constatação da perda de poder político e de mediação social.

O recorte inicial é o ano de 1912, quando foi criado o *Círculo Católico* em Uberaba – mais especificamente no dia 24 de março de 1912 – o qual tivera como fundador e eleito presidente o médico Dr. João Teixeira Álvares. Este recorte se justifica, pois, em nossa análise, essa entidade, além das intensas atividades religiosas, expôs um caráter corporativo, e como demonstra José Bilharinho<sup>3</sup>, inclinou-se a ações de intolerância. O *Círculo Católico* contava ao todo com 120 sócios, a maioria deles representados por membros da elite e de uma incipiente classe média uberabense.

João Teixeira Álvares levou uma vida bastante intensa, marcada por intempestividades, como envolvimento em crimes violentos; sucessos e erros médicos. Socialmente era uma figura de expressivo status na sociedade brasileira. Nutria de extravagâncias singulares, mantinha uma intensa devoção e admiração pelo Visconde de Ouro Preto, ex- ministro da Marinha e da Fazenda no governo Imperial. Mesmo após a Proclamação da República, percebemos que João Teixeira Álvares, manteve uma intensa vontade articuladora de restauração do período monárquico, e em março de 1900, foi membro do grupo que se voltou para reorganizar o Partido Monarquista local, como demonstra Hildebrando Pontes, reestruturado com o seguinte diretório:

*Presidente, dr. João Caetano de Oliveira e Souza.*

*Membros: Monsenhor Inácio da Silva, dr. João Teixeira Álvares, padre Pedro Ribeiro da Silva, major Francisco Antonio Machado, capitão José Afonso Rato e coronel Vicente Francisco de Macedo.*

*Em 16 de fevereiro do ano seguinte o diretório deste partido estava assim:*

*Presidente: dr. João Caetano de Oliveira e Souza; 1º vice-presidente, Barão de Saramenha; 2º vice-presidente, Cônego Inácio Xavier da Silva; 1º secretário, Dr. João Teixeira Álvares; 2º secretário, de Crispiano Tavares.*

*Membros: José Afonso Rato, major Francisco Antônio Machado, coronel Raimundo Soares de Azevedo e major Hígino Plácido Cassimiro de Araújo.<sup>4</sup>*

A admiração de João Teixeira Álvares em projetos monarquistas o colocou como presidente e articulista da filial em Uberaba da *Sociedade de Referência a memória de D. Pedro II*. Era constante que o médico e alguns membros da sociedade e promovessem eventos saudosistas de referência ao Império, como no trecho abaixo:

*Em 1913, no dia 10 de julho, viveu a sociedade uberabense um dia especial, dedicado a uma grande artista e à própria arte desta cidade. Foram inaugurados naquela data, na residência do médico e de autoria de Joaquim Gasparino, seis bustos: de Dom Pedro II e de sua venerável esposa, a finada Imperatriz do Brasil, D. Tereza Cristina; do conde D'Eu e sua consorte a Ser.a condessa D'Eu, a Redentora; do Príncipe D. Luiz e sua Sra., Princesa Pia Bourdon.<sup>5</sup>*

No ano de 1917 João Teixeira Álvares publica no jornal *Lavoura e Comércio* uma série de artigos enfeixados mais tarde em um livro chamado *Seita Maldita*,<sup>6</sup> no qual ele atacava o espiritismo, e se colocava a favor de uma jurisdição republicana que proibisse e perseguisse os adeptos do espiritismo – considerados por ele como uma seita de sectários e asseclas, inimigos da religião e da moral – e incentivava a polícia a perseguir e fechar todos os centros e escolas espíritas do país.

Posteriormente à publicação de *Seita Maldita*, Orlando Ferreira publicou seu primeiro livro, no ano de 1919, intitulado *Pela Verdade: Catolicismo x Espiritismo*. Esta obra foi uma resposta direta a João Teixeira Álvares. Seu conteúdo sai na defesa do espiritismo

buscando demonstrar como o catolicismo fanatiza as pessoas. Para isso ele traça um paralelo entre o Materialismo e o Fatalismo. Desta maneira Orlando Ferreira demonstra que o catolicismo seria responsável pelo atraso do povo brasileiro, criticando o dogma da resignação o qual manteria o povo inerte. entende que o fatalismo seria a crença na resignação, já o materialismo, a possibilidade que o Espiritismo tem de demonstrar cientificamente a vida após a morte na reencarnação. Para isso ele cita várias “provas” do que ele denomina existência do Espírito.

Em 5 de abril de 1924, a sessão da Câmara uberabense aprova a vinda da Fundação pedagógica protestante *Grambery*, segundo nos demonstra José Bilharinho<sup>7</sup>. Mediante a aprovação da instalação dessa instituição na cidade de Uberaba, os católicos foram convocados pelo clero a se reunirem na igreja matriz para protestar contra a iniciativa aprovada pela Câmara. A partir de então, foi publicado no jornal *Lavoura e Comércio* uma série de artigos de cunho contrário ao protestantismo e em defesa do catolicismo, para que os católicos da cidade se unissem a fim de impedir a instalação da Fundação. Devido à pressão desses católicos, a lei aprovada no dia 5 de abril foi revogada pela Câmara, concretizando a interdição da instalação desta Fundação na cidade.

Outra demonstração de intolerância contra o espiritismo foi a publicação pelo Bispo de Uberaba, Dom Frei Maria de Sant Ana, da Quarta carta pastoral<sup>8</sup> com o título *O ESPIRITISMO*. Nela, o bispo alerta para o perigo da propaganda espírita, que põe em risco a fé a salvação de muitas almas, produzindo violências que não são perseguições materiais, mas a hidra da heresia, uma vez que a “seita” maneja calúnias, o sofisma, a hipocrisia e a astúcia.

Um livro de Orlando Ferreira, bastante citado pelas pessoas que conviveram com ele, é o polêmico *Terra Madrasta: um povo infeliz*,<sup>9</sup> de 1928. Desta vez a luta anticlerical não é o principal objeto de ataque de Doca, mas sim a crítica centralizada na política do coronelismo e no governo mineiro, mostrando sua percepção do que ele denomina o *atraso de Minas Gerais*, criticando a cultura e o modo de vida do mineiro, fazendo também um

balanço de várias administrações municipais para comprovar sua incompetência. Em uma primeira leitura da obra, percebemos que sua crítica tem por objetivo difundir a idéia de anexação da região do Triângulo Mineiro ao Estado de São Paulo e, ainda, em segundo plano, continua travando sua luta contra a Igreja Católica. Finaliza atacando a Empresa *Força e Luz*, ratificando suas críticas à má gestão da cidade e seu atraso.

Fator importante que caracteriza a história uberabense – e que tem relação direta com o período em que viveu Orlando Ferreira – é a formação e consolidação de uma elite de criadores de gado que, em meados de 1875, introduziram os primeiros exemplares da raça zebu, trazidos da Índia. Dentro de um contexto histórico nacional, buscamos a compreensão dessa elite pecuarista uberabense em relação às oligarquias políticas que marcaram a Primeira República e a sua inclusão de poder político-social no âmbito local.

As duas obras seqüenciais que Orlando Ferreira escreve na década de 1930, são: *Capitalismo e Comunismo e Ilusão Capitalistas*.<sup>10</sup> Estas obras nos servem como fontes para discutir a interação de Orlando Ferreira com comunistas uberabenses. Em uma observação preliminar, percebemos que após os anos 30, Orlando Ferreira sofreu grande influência do marxismo, difundido em grande parte pela propaganda comunista soviética. A partir de então o marxismo e o comunismo estariam sempre presentes em todas as suas outras obras.

No ano de 1940, Orlando Ferreira publica uma obra intitulada *Forja de anões*,<sup>11</sup> cujo conteúdo tratava de fazer uma crítica à prática esportiva, sendo um misto de ironia e indignação escrita em tom panfletário. Para Jorge Arthur dos Santos,<sup>12</sup> Orlando Ferreira estava bem familiarizado com a literatura sobre educação física, e foi o único autor que criticou a prática esportiva fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

Orlando Ferreira reconhece em sua obra que o futebol já se havia popularizado por todo país e que poucos lhe dariam o ouvido ao publicar esta obra, mas, como relata Jorge Arthur dos Santos, Orlando Ferreira chega a enviar um exemplar dessa obra ao então ministro Gustavo Capanema, talvez com a esperança de convencer o "Poder" sobre os

efeitos nocivos que o futebol desencadearia na sociedade. Orlando Ferreira demonstrou total desprezo pelo futebol e outros esportes, considerados por ele violento. Para ele, a prática de esporte era causadora de uma série de doenças cardiovasculares, doenças no aparelho respiratório e impotência sexual. Novamente contra o futebol, ele demonstra que a sua essência é a violência e que jogadores são como soldados em campo de batalha, atribuindo essa característica ao fato do futebol ter nascido na Inglaterra, culpando esse país por sua ação imperialista no mundo.

A última obra publicada por Orlando Ferreira é o livro *Pântano Sagrado*.<sup>13</sup> De todas as obras publicadas por ele, essa foi a que causou maior polêmica na cidade. Este livro segundo o próprio autor trata-se de uma obra de combate ao clericalismo católico, transparecendo uma justa diferença para ele entre o cristianismo e o papel historicamente negativo da Igreja Católica. Assim, o autor, afirma que Cristo era um verdadeiro revolucionário, lutou contra tudo e todos, demonstrando que era uma pessoa simples, pois suas idéias eram defendidas e praticadas no mundo de perversão moral e habituado à presença somente dos atos abomináveis. Em *Pântano Sagrado* o autor faz uma comparação entre o materialismo histórico cristão e o materialismo histórico de Marx, demonstrando que o capitalismo é um monstro destruidor de personalidade o grande estimulador do ódio, das rivalidades, das guerras e dos crimes de toda espécie. Argumentando que Igreja, ao combater o comunismo, demonstrava todo o seu apego materialista, Orlando Ferreira aprofunda suas teses criticando vários clérigos locais, dentre eles o seu maior inimigo, o bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, considerado por ele o inquisidor moderno. O livro contém várias sátiras contra o bispo e o papa Pio XII, que ele chama de um monstro do Vaticano. Ao longo desta obra os ataques contra Dom Alexandre Gonçalves do Amaral são variados. O *Pântano Sagrado* também faz elogios ao espiritismo e ao protestantismo, como já vinha se mostrando anteriormente.

É importante salientar que as publicações de artigos deste bispo no Jornal Correio Católico, principalmente nos anos 40, eram comumente marcada pela intolerância

que atingia em seus discursos principalmente a maçonaria, o espiritismo que já havia se enraizando fortemente na região, maçonaria, rotary club e comunismo.

O Bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, após a publicação deste livro, abriu um processo contra Orlando Ferreira, cujo resultado final fez com que o réu fosse obrigado, a se retratar socialmente, assumindo formalmente em jornais da cidade pedindo desculpas e que não mais escreveria nenhuma obra de cunho anticlerical, em qualquer que língua que fosse, e publicada em qualquer lugar do Brasil e do exterior. Os livros foram retirados da gráfica – tipografia espírita denominada *A Flama* – e queimados posteriormente. Dom Alexandre, em um artigo publicado no jornal *Correio Católico*,<sup>14</sup> convocou vários membros da sociedade a comparecerem para uma retratação pública dos inimigos da fé, em uma ocasião que lotou o cine teatro metrópole.

Em uma pesquisa propomos analisar os argumentos de Orlando Ferreira, buscando perceber como se deu esse retorno às críticas a seus antigos rivais, no sentido de tentar entender de que maneira isso se coloca dentro do conjunto de seu pensamento; ao falar de tantos assuntos e se envolver com vários tipos de pessoas, com idéias em alguns pontos conflitantes, fez-se notória a necessidade de verificar criticamente em que medida isto representaria uma série de rupturas ou, talvez, algum tipo de coerência interna.

Como sucintamente observamos, Orlando Ferreira demonstra uma mescla bastante eclética em sua jornada intelectual, o que ora nos parece bastante interessante de se analisar, com o objetivo de fornecer elementos para traçar um perfil de sua idealização, que em muitas circunstâncias parte de um estilo panfletário, buscando em sua vontade de mudança, caracterizada pela rebeldia.

As relações conflituosas do papel social exercido pelo sujeito em sua ação traz a emergência da busca de um momento na estrutura da vida cotidiana. O entendimento do problema entre a tradição e a mudança à nova perspectiva pode ser colocado dentro de uma assimilação hierárquica de valores, o ponto em que ela é afirmada e o ponto em que

ela é negada pelo homem em questão. Assim, o modo prático da ação social depara-se com a complexidade das relações, das reações e da própria inserção social estereotipada. A vontade da construção da ordem coloca o limite à incorporação e à admissão. A intolerância é, portanto, uma inclinação dos direitos e das razões de tudo que não pode ser assimilado. A ânsia em por termo a ambivalência na ordem positiva comanda a relação coletiva e individual, expondo como resultado a polarização de posicionamentos.

---

<sup>1</sup> O termo Farinha Podre a que me refiro é uma alusão a região do Triângulo Mineiro, sudoeste de Minas Gerais, que no século XVIII era conhecida pelos os viajantes que ali passavam como Sertão da Farinha Podre.

<sup>2</sup> Cf. MALATIAN, T. **Império e Missão: um novo monarquismo no Brasil**. São Paulo: Comp. Nacional, 2001. passim

<sup>3</sup> Cf. BILHARINHO, J. S. **História da medicina em Uberaba**. Vol: 2. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1982. passim

<sup>4</sup> PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a civilização do Brasil Central**, Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1979, p.142.

<sup>5</sup> BILHARINHO, op. cit, nota 03. p. 319.

<sup>6</sup> TEIXEIRA, J.T. Seita Maldida. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 07 de out. 1917. Boletim do Círculo Católico. N 1.

<sup>7</sup> BILHARINHO, op.cit, nota 05. p..319.

<sup>8</sup> SANT'ANA, Luiz Maria. **Quarta carta pastoral: O ESPIRITISMO**. Uberaba: Tip. Correio Catholico, 1932.

<sup>9</sup> FERREIRA, O. **Terra Madraستا: um povo infeliz**. Uberaba: O Triângulo, 1928.

<sup>10</sup> Ainda não tivemos acesso a essas obras, entretanto soubemos que se encontram exemplares delas na Biblioteca de Direito da Universidade de São Paulo.

<sup>11</sup> Id. **Forja de anões**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940. passim.

<sup>12</sup> DOS SANTOS, J. A. **Intelectuais e crítica a prática esportiva: 1890 –1947**. 2000. 217 fls. Dissertação (mestrado em história social). USP, São Paulo.

<sup>13</sup> Cf. FERREIRA, O. **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948. passim.

<sup>14</sup> AMARAL, A. G. “Desagravo a D. Alexandre Gonçalves”, In: **O Correio Católico**. 17 de set. de 1949.